

Argemiro Procópio *Editor*

Quanto pior, tanto melhor

Os trabalhadores e atualmente até mesmo a classe empresarial brasileira já sentem na pele as consequências do modelo econômico adotado para o país. Um modelo velho e responsável pela exportação de enorme gama de produtos primários e de variados bens industrializados que não demandam tecnologia de ponta.

A venda de minerais como o ferro ou o manganês, a entrega de mercadorias resultantes de monoculturas tais como a do café e soja não bastam mais. São produtos que hoje não valem nem a metade do preço a que eram cotados no final da década de 60. É por tal motivo que o Brasil se vê obrigado a multiplicar em muitas vezes o volume de suas exportações para conseguir divisas que aqui não ficam. Saem para honrar os juros da dívida.

Assim é que igualmente se contraem empréstimos no exterior e se canalizam recursos para modernizar a infra-estrutura montada para exportação. O traçado de nossas rodovias e ferrovias reedita os caminhos do Brasil colônia. Tudo vai em direção ao mar para a derrama das riquezas que ficarão nos Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão.

Carajás, a inacabada Ferrovia do Aço, da Soja, mais os velhos trilhos que desde o século passado servem para exportar o café do Sudeste são testemunhos deste destino. Por aí se dilapida um patrimônio insubstituível. Patrimônio que pertence igualmente às gerações futuras. Este entreguismo seguramente será julgado pela história.

A falta de uma resposta adequada diante de crimes tão graves para a nação é consequência de uma covardia já quase histórica das elites dominantes que vivem a amordaçar o povo. Não falta ao bravo brasileiro a coragem civil. O que não temos são os instrumentos, armas para inverter tal situação de forças.

A postura de quase pedentes e a humildade bizantina das autoridades que tentam negociar o pagamento dos juros da dívida externa reforçam a imagem de vergonha e do vexame que o capitalismo internacional faz passar o Terceiro Mundo. Só depois do dimensionamento e da tomada de consciência da exploração de que somos vítimas é que se conseguirá reagir, lutar.

Alegria de poucos, tristeza de muitos que nos países subdesenvolvidos acabam sustentando a sociedade do desperdício cada vez maior dentro dos países capitalistas altamente desenvolvidos. Dentro desta lógica perversa, para citar alguns poucos exemplos é que a carne de primeira, seja bovina ou de frango, não pode ser consumida pelo trabalhador que recebe o salário mínimo. É um produto que gera divisas fortes e daí sua prioridade para o mercado externo. A boa qualidade dos sapatos mandados para o exterior sequer é usufruída pela classe média, que mal consegue comprar os calçados mais ordinários. O resto do povo anda é descalço. A sobra, as migalhas e coisas de qualidade inferior ficam para o consumo interno. Os automóveis para exportação inclusive aqueles cujas marcas são as mesmas, têm padrões de segurança e durabilidade distintos dos aqui utilizados. Maior exportador mundial de soja, o Brasil tem milhões de habitantes subalimentados e passando fome.

Como argumentar então diante da nossa sociedade, da validade e moral do sistema capitalista que sustenta esta política de exportação? Vale dizer, política que só funciona em se contendo e diminuindo os salários.

Consumir o menos possível vender não só o excedente mas até parte do essencial. Tirar da barrigada do pobre para fomentar a exportação. Este é o receituário do FMI, a estratégia clássica do imperialismo. Dentro de tais parâmetros é que foi implantada a política econômica dos governos militares. Continuada sem disfarces pela Nova República ela é diferente da anterior só na retórica.

O triste é que esta tragédia pretende continuar, até mesmo porque nenhum método mais eficiente foi ainda inventado para se conseguir acumular divisas para o pagamento dos juros da dívida, com ou sem moratória técnica.

Quanto pior para o Brasil e para seu povo, tanto melhor para o superávit da balança comercial,

melhor para os banqueiros e para os países capitalistas desenvolvidos. Estes, cuja prosperidade e bonança não estão dissociadas do sangue e da miséria do sofrido Terceiro Mundo.

Argemiro Procópio Filho é professor da Universidade de Brasília